

CRENÇA & LETRAS

REVISTA MENSAL

DIRECTOR

3.^e Antonio Hermano

PROFESSOR DO COLLEGIO DE S. DÁMASO



SUMMARIO

A sciencia das Religiões.....	<i>Abundio da Silva</i>
A Instituição das Misericordias.....	<i>P.^o F. J. Patricio</i>
O Collegio de S. Dâmaso.....	<i>Manoel da Costa Roriz</i>
O Progresso.....	<i>J. Machado</i>
O Avarento (conto).....	<i>A. Dias Costa</i>
Impressões.....	<i>P.^o Antonio Hermano</i>

As opiniões sustentadas nos artigos insertos na «Crença & Letras» são da responsabilidade de quem os assigna. Os originaes devem estar na redacção até ao dia 20 de cada mez.

Assignatura.—Anno 600 reis.—N.º avulso 100 reis.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
COLLEGIO DE S. DAMASO—GUIMARÃES

PREVENÇÃO

Todas as pessoas que acceitarem o presente numero da «Crença & Letras,» ficam sendo consideradas como assignantes.

JORNAL DO COLLEGIO DE S. DAMASO

ASSOCIAÇÃO DE S. LUIZ

Graças á boa vontade e dedicação do illustrado professor d'este collegio, padre Oliveira, acha-se aqui estabelecida a sympathica e utilissima Associação de S. Luiz Gonzaga.

Tem estatutos proprios que constam de dez artigos com os respectivos paragraphos.

Pelo primeiro já se póde avaliar, pouco mais ou menos, o grande alcance moral e religioso d'esta aggrêmiação. Reza assim :

«O fim d'esta Associação é afervorar os jovens alumnos «nos sentimentos de piedade e amor de Deus; propagar a «sympathica devoção do glorioso santo que tomou por paterno, e pela inspiração dos sentimentos religiosos armal-os «para as luctas e combates da vida social».

Mas, alem d'isto que é muito, que é tudo para quem admitte os destinos immortaes, é esta Associação com as suas amiudadas reuniões geraes, uma verdadeira escola da vida publica.

Nem só o abecedario e o numero é que fazem e educam os homens. E' precisamente d'esta falsa orientação educadora, officialmente approvada e mandada executar, que para ahi se veem tantos aleijões d'escola com um masso de papéis, que denominam approvações e distineções, que os habilitam e approvam para tudo, menos para serem bem educados.

Conta já esta associação uns 130 associados entre professores e alumnos, que são os que exclusivamente a compõem.

A meza directora legalmente eleita por grande maioria, compõe-se dos seguintes snrs.: P.^e Oliveira, presidente-nato; Augusto Vasconcellos, presidente; Francisco Barbosa, secretario; Francisco D. d'Oliveira, thesourceiro; Raul C. da Fon-

JORNAL DO COLLEGIO DE S. DÁMASO

seca, 1.º procurador e Avelino Vieira Pinto 2.º dito; o primeiro professor e os restantes alumnos do Collegio de S. Damaso.

Os associados fizeram uma escolha acertadissima. Todos os membros da meza se têm exforçado por cumprir o seu mandato o melhor possível. Honra lhes seja. Elles receberão a recompensa, se não n'este, no outro mundo. O presidente e o secretario já desempenham os seus logares, relativamente difficeis, com bastante perfeição.

Esta Associação, com dois mezes apenas d'existencia, trata actualmente d'adquirir uma imagem de S. Luiz que possa expôr-se á veneração dos fieis. Deve ficar por 50:000 reis, quantia excessiva para uma instituição que principia sem nada e cujos fundos são as quotas dos associados. Mas em auxilio da meza que nunca desanimou, tem vindo corações generosos: e assim d'um grupo de professores d'este collegio recebeu ella o primeiro donativo valioso. Alguns alumnos tem elevado voluntariamente as suas quotas e a direcção do collegio conta offerecer todas as prendas que lhe restam do bazar da bandeira.

Assim auspiciosamente fundada e tão bizarramente protegida por professores e alumnos, esta associação pôde vir a produzir optimos resultados. A meza é incançavel em promover o engrandecimento da sua querida associação, pelo que se nos afigura digna dos maiores encomios.

A quota mensal é diminutissima, 50 reis: está portanto, ao alcance da magra bolsa do mais pobre estudante.

Já teve quatro assembleias geraes, duas das quaes extraordinarias, notando-se da parte d'alguns das associados varios protestos e observações bem a proposito e expostos com bastante correção.

No ultimo domingo d'este mez haverá a assembleia geral ordinaria de janeiro.

Todos os mezes ha reuniões geraes com liberdade de fallar, simplesmente para os associados.

UM SOCIO.

CRENCA & LETRAS

CRENÇA & LETRAS

REVISTA MENSAL

A Sociedade
Martins Sarmiento

 DIRECTOR

P.^o Antonio Hermano

Professor do Collegio de S. Dámaso

2.^a SERIE

1893

**SOCIEDADE
MARTINS SARMENTO
BIBLIOTECA**



GUIMARÃES
Collegio de S. Dámaso

1893

Ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

D. Antonio José de Freitas Honorato

Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas,

muito respeitosamente

off.

O Director.

A sciencia das religiões

Aos jovens theologos.

Ao vastissimo quadro dos conhecimentos humanos, a esse quadro onde se retracta a lucta ingente da humanidade na resolução dos grandes problemas e na acquisição das principaes verdades, onde se descobre esse desejo ardente de tudo saber e dé tudo explicar—desejo que pode fazer crentes como Verrier, ou impios como Voltaire, mais uma sciencia, não ha muitos annos se vem juntar, uma sciencia nova, de promettedor futuro e da mais alta importancia: E' a *sciencia das religiões*.

Se a estudarmos com o espirito despido de preconceitos, sem nos levar a vaidade de derruir pela base a religião prégada por Jesus Christo, procurando nos *Vedas* (os livros sagrados dos Brahmanes) no *Zend-Avesta* (a biblia dos Persas) ou em outros codices antiquissimos de velhas religiões do Oriente, o manancial d'onde o Homem Deus hauriu a sua doutrina, toda divina, facilmente nos convenceremos de que a *sciencia das religiões*, os seus problemas e as suas conclusões, são do mais alto interesse para o theologo que se não contentar com o estudo superficial da sua sciencia, mas se entregar a investigações profundas e serias.

A *sciencia das religiões*, procurando decifrar esses velhos documentos da litteratura sanskrita e aryana, marcha de bra-

go dado com a ethnographia e com a linguistica, e de tal forma que mutuamente se dão calor e vida.

Ao litterato e historiador é sciencia deveras sympathica, porque esforçando-se pela conveniente interpretação de esses documentos que ha pouco mais de meio seculo ainda eram enigmaticos, offerece á litteratura um valiosissimo presente e á historia um excellente auxilio.

Mas é sobretudo ao theologo que interessa este estudo tão bello, que vae quasi até ao desabrochar do espirito humano, após a expulsão do Eden, alguns seculos depois que as crenças se obliteraram e o polytheismo dominou a humanidade. Do estudo de esta sciencia, pode dizer-se o que Bartholemy Saint-Hilaire escreve acerca do Budhismo. «O immenso serviço que nos póde prestar é, por seu contraste, fazer-nos apreciar ainda mais o inestimavel valor das nossas crenças, mostrando o que soffre a humanidade que as não partilha.» E se o contacto com as nações estranhas, o estudo das suas leis e costumes, nos duplicam o amor ao nosso paiz natal, o estudo de essas religiões, que tendo ainda algumas dezenas de milhões de adeptos, são a esperanza e guia de tantos e tantos homens, nossos irmãos, avigora as nossas doutrinas.

Sim! O estudo comparativo das religiões é um meio eficaz e salutar de fortalecer a nossa fé e de mostrar a excellencia das nossas crenças. E' o grande S. Basilio que o confessa, quando, referindo-se aos escriptores gregos, escreve: «Se as suas doutrinas têm alguma conformidade com as nossas, pode-nos ser vantajoso o seu conhecimento. Se a não tem, o melhor meio de arraigar a mais perfeita das duas doutrinas, é, sem duvida, compara-las entre si, e ver em que differem.»

Aos missionarios, a esses anjos da humanidade, que deixando a patria e a familia, vão-se entregar, em regiões inhospitas, em meio de homens barbaros, sem sentimentos nobres, ao apostolado do bem e ao serviço de Deus, importa particularmente o estudo da *sciencia das religiões*. Se, como diz um grande santo, *não ha religião que não tenha uma centelha*

de verdade, o missionario, conhecendo em cada seita essa luz, salvador de um naufragio, tem um passo dado e um auxilio poderoso para a catechese dos selvagens.

Nenhum estudo é com certeza mais interessante, mais profundamente interessante, do que aquelle que versa sobre as differentes formas que tem tomado a religião, este sentimento tão universal e tão essencial ao homem, que se encontra, desde o europeu civilisado ao cafe rudimentar, desde o homem das epochas prehistoricas até hoje, atravez de todos os obstaculos, de todas as difficuldades, de todos os cataclysmos.

— As grandes epochas religiosas, as seitas e os scismas são as revoluções que a religião tem operado nos povos aproximando-os e repellindo-os, os differentes estados de esta linguagem do homem com o Creador, d'este commercio do espirito com Deus, que devem assignalar as varias epochas da historia do mundo, que são o nascimento e a morte dos imperios, a migração das raças, etc., etc. Estes acontecimentos serão marcos divisorios para aquelles a quem bastam as apparencias, mas para os que quizerem estudar a historia do verdadeiro homem, é indispensavel a historia da sua religião. Esta é que o caracteriza. A religião é (assim pensa Max Müller) a luz, a alma e a vida da historia.

Eis a importancia da *sciencia das religiões*, sciencia quasi desconhecida no nosso paiz, que *hoje*, infelizmente não prima em ir na vanguarda do movimento scientifico.

Nos artigos que se vão seguir, exporemos algumas questões de esta sciencia, na estreita medida das nossas limitadissimas forças.

Coimbra, 31 de outubro de 1892.

ABUNDIO DA SILVA.

A INSTITUIÇÃO DAS MISERICORDIAS

Ergue-se a Renascença nos vastos horisontes da historia, como alvissima nuvem deslumbrantemente beijada pelos raios do sol. A natureza sorri em contentamentos febris; a sociedade rejubila-se nos mais bellos triumphos e o progresso humano assignala a luzente epocha das mais preclaras victorias.

A descoberta da polvora fornece á guerra uma enorme força e á industria um poderoso auxilio; a bussola vem orientar o navegante sobre a irrequieta superficie das ondas; a imprensa começa a prestar as suas azas de luz ao pensamento humano; a mathematica entra nos acampamentos para dirigir a tactica e a perspectiva, invade os dominios da arte para facilitar ao pintor o estudo das mais bellas paisagens que a natureza offerece ao seu estudo.

Portugal, que soubera continuar as tentativas guerreiras e as aventuras maritimas desde que as aguias alentadas em Sagres dirigiram arrojados vôos sobre o anilado dorso do oceano, estava no pleno reinado de D. Manoel.

A arte nas suas mais sublimes inspirações buscava resurgir o que immortalisára na Grecia a estatuaria e em Roma a architectura, fazia remodelar o estylo bizantino e a ogiva gothica, e dava-nos poemas de pedra como o convento dos Jeronymos de Belem.

O arrôjo e o brio patriotico de Vasco da Gama mostravam ao mundo o novo caminho da India; a sorte e o valor de Pedro Alvares Cabral apontavam as florestas virgens do Brazil, erguidas como formoso e amplissimo canteiro nas solidões incommensuraveis do mar: duas grandes glorias em duas civilisadoras descobertas.

Tristão da Cunha levava á capital do mundo catholico as premicias do oriente que o rei piedoso enviava a Leão X; Antonio Rodrigues estudava no estrangeiro a heraldica portugueza e vinha depois colligir os brazões das familias illus-

tres copiados das frontarias dos palacios e das sepulturas onde repousavam tantos batalhadores aguerridos e tantos navegadores benemeritos.

Reformavam-se as ordens militares; erguiam-se templos pelo paiz desde a alpestre serra da Pena, em Cintra, até as praias da extremidade, em Caminha; codificavam-se as ordenações e reviam-se as chronicas; protegia-se a navegação e desenvolvia-se largamente o commercio.

Epocha brilhante em que os thosouros do oriente vinham conduzidos nos nossos galeões pela barra do Tejo a dentro, os productos da Persia e da China, da Ethiopia e da India, a canella, a camphora, o chá, a seda, os brilhantes, as perolas e oiro!

Pois é exactamente n'esse periodo historico de tanta prosperidade, quando a cornucopia da fortuna soltava sobre o paiz tantas venturas; é n'essa epocha em que a ambição dominava uns, o luxo deslumbrava outros e a grandeza da patria agitava todos, n'esse momento importantissimo da vida de Portugal, que a Providencia moveu o coração d'uma princeza, a quem os desgostos de familia tinham ferido e a viuvez amortalhado, e D. Manoel, o rei venturoso, instituiu as Misericordias em todo o paiz.

O capital do rico e a esmola do remediado teem feito a continuação d'esta obra da mais alevantada beneficencia, que ampara o pobre, educa a creança, recolhe o invalido, protege o orphão, cura o enfermo, guia o cego, trata o lazaro, sustenta o mudo, soccorre o louco, cuida do prêso defende o condemnado, consagra no templo, instrue na escola, guarece no lar, sepulta e suffraga no cemiterio;—guia e sentinela, amparo e abrigo do homem desde o berço até ao túmulo!

A instituição das Misericordias honra por igual a religião e a patria, pois são aggremações beneficentes legitimamente portuguezas e altamente piedosas.

O Collegio de S. Damaso (1)

Se pode existir na terra,
Toda dôr, toda amargura,
O palacio da ventura...
Esse palacio é aqui!
Aqui, onde reina a paz,
A santa paz da consciencia,
Que é a virtude... E a sciencia,
Deusa, que a todos sorri!...

Sorri d'esperanças fagueiras,
Apontando para o porvir;
E sempre, sempre a sorrir
Diz que o estudo é dever.
Não custa então o trabalho,
Por elle deixa-se tudo...
E' que o premio do estudo,
Que a sciencia dá, é o saber!

Mas ha mais n'este retiro;
Ha a virtude e o amor,
Que os ministros do Senhor
Dão a par de muita luz!
Sim!... a par do saber humano
'stá aqui a sciencia divina,
Cujo compendio é a—Doutrina,
E cujo mestre é—Jezus!

Já vivi sob este tecto...
Já senti muita alegria
N'esta mansão da poesia
Homens bons, bella natura!
Por isso direi bem alto:
Aqui sente-se a alma bem;
Este Collegio é um Éden,
É o palacio da ventura!

(1) Poesia recitada pelo ex-alumno do mesmo Collegio Manoel da Costa Roriz.

O PROGRESSO (1)

Exc.^{mo} Sr.

Meus Senhores :

Immortal heroe de memorandas proezas, o seculo desenhove tem perpassado por sobre a terra no meio dos mais vivos applausos, das mais ardentes acclamações, das mais retumbantes hossanas da humanidade.

Pelos arcaes da Africa e pelas campinas fertilissimas da Europa, pelos gelos dos polos e pelas cordilheiras dos Alpes, echoam os canticos e os hymnos festivaes que os povos, unidos em fraternal amplexo, gratos lhe consagram.

De todos os labios irrompe espontaneo um «salve» ao seculo gigante que engrinaldado com os immarcessiveis laureis de seus triumphos, tem deixado por toda a parte profundamente impressos, os signaes irrefragaveis da sua grandeza.

As obras pasmosas da sua actividade fecundissima, têm-lhe engastado na sua corôa de gloria as mais preciosas safiras, os mais deslumbrantes florões.

O genio expande-se em inspirações fascinadoras, nos estos do mais surprehendente e admiravel enthusiasmo, o pincel rouba á natureza as suas encantadoras maravilhas, o scopro arranca do marmore frio as mais luminosas e virginaes formas, e a palheta desfere em lyra diamantina, ondas de harmonia que nos enlevam a alma aos paramos ditosos d'um mundo melhor.

O nune benefico da escôla, arroteando veigas, cortando espinhos e desbravando o terreno inculto da aridez, adorna com as perfumadas boninas da instrução as mais incultas brenhas, guinda o homem sedento de ensino e luz, das

(1) Discurso na academia realisada no collegio de S. Damaso a 11 de dezembro de 1892, por occasião da distribuição de premios.

profundezas da ignorancia ás alturas do saber, das tenebrosidades do erro ás scintillantes regiões da verdade.

O camartello da industria rompe e pulverisa as montanhas, rasga caminhos alcantilados, serras ou precipícios medonhos e construe magestosas pontes sobre caudalosos rios que interpunham entre uma e outra margem obstaculos que pareciam insuperaveis.

A locomotiva com uma velocidade assombrosa que deslumbra o olhar e como que espanta a imaginação, lá vae galgando fronteiras, aniquilando distancias, devorando o espaço.

Navios quasi mysteriosos, quasi magicos, vão rasgando as ondas, sem dependencia de vento, sem necessidade de velas.

Os aerostatos erusam os ares, elevando-se muito acima das mais altas montanhas, muito além das regiões das nuvens.

A photographia estampa com uma fidelidade que abysma, os objectos que nos circumdam, pela acção espontanea da luz.

A imprensa reproduz as ideias, como o campo reproduz flores e conserva-as como a attração conserva myriades de soes que revolteiam por cima das nossas cabeças.

A electricidade, rapida como o raio, leva nas suas azas de fogo aos confins do mundo, a vida e a civilisação, a sciencia e a fé, a actividade e o movimento, esse movimento febril que agita a terra, onde quer que o seculo tem feito ouvir o seu verbo civilizador, ou arvorado a bandeira ovante do seu immortal programma.

E o seculo desenove, o immortal heroe de memorandas proezas, achou o mundo pequeno ambito para as suas grandiosas aspirações—contemplou em noite de estio o azul gaze do firmamento, reluzindo em milhares de lumes, viu a lua caminhando silenciosa cortejada por myriades de estrellas. Apoderou-se soffrego de poderosissimos instrumentos e descobriu mais claramente o magestoso movimento de milhões de mundos que o Eterno semeou com profusão na vastidão do espaço.

Desde então cometas caprichosos e excêntricos que outr'ora enchiam de susto e pavor os povos e os reis, apparecem hoje, á hora que a sciencia marca como se obedecer devessem á voz intransigente do dêver.

Depois um sabio sem recorrer á observação nem sahir do silencio do seu gabinete, revela ao mundo a existencia d'um planeta, enquanto que o telescopio apresenta ao homem esse mesmo planeta dose mil vezes maior e a algumas leguas de distancia.

Mas por entre estas côres tão bellas, tão atrahentes, quantas sombras no quadro da actual sociedade?!

Não sou pessimista nem milito nas phalanges dos que tentam empanar os fulgentes clarões do nosso seculo com o brilho dos que já lá vão. Se na historia dos tempos idos, apparecem as mais acendradas virtudes, desinteressos os mais heroicos, abnegações as mais estupendas, tambem os annaes hodiernos registam nas suas paginas d'ouro dedicações sublimes, rasgos de sobrehumano valor e heroismo, e quem sabe? talvez o sol de amanhã alumie, circundados pelo esplendor da gloria os que hoje rasgam os pés nas asperezas da miseria e nos espinhos mordentes da desesperação.

Não sou pessimista, repito, mas se com mão tremula ergo o manto de pedrarias e ouro em que luxuosamente se envolve a nossa epocha, se levanto uma pontinha do setinoso veu que a acoberta, vejo que ella de orgia em orgia, de festim em festim, trilha a passos de gigante a senda inclinada da mais profunda degradação! Ao lado de tanta grandeza, o abatimento moral, a par de tanta luz o amortecimento da fé!...

Investiga-se com ardor que tinta colore as neves perpetuas que toucam as cumiadas dos Alpes, e não se investiga com que offensas colore o pudor as faces virginaes; gastam-se sommas fabulosas em pesquisar que rochas formam o leito do Oceano e não se procura acudir á miseria que esmola á flôr da sociedade; resolvem-se á custa de immensas sommas os mais difficeis e intrincados problemas da sciencia e des-

cura-se o ensino do a b e á creança, cuja intelligencia se abre como um botão de rosa aos primeiros arreboes da verdade e nega-se ao bandido que expia o seu crime nas cellas infectas d'uma prisão; escarnece-se e vilipendia-se a crença do homem religioso e levantam-se estatuas ao que, cynico, faz alarde da sua impiedade; fecham-se os conventos e abrem-se lupanares onde a virtude deixa cahir folha a folha a mais encantadora corôa da sua realza divina; trancam-se as portas ás escôlas religiosas e permitem-se as casas de jogo, os sorvedouros da honra, os perceptores abalisados do vicio, os minutauros insaciaveis que vão devorando lentamente para tornar mais cruel a agonia, a fortuna, o socego e a paz das familias; presegue-se e calumnia-se o homem honesto e trabalhador e cerca-se de bajulações servis e adorações ignobeis o que debanga ouro a mãos cheias, embora esse ouro seja amassado com as lagrimas da viuva, o pão do orphão e o sustento do desvalido.

Sabe-se a constituição phisica e composição chimica do astro erradio que para além das constellações sem numero se esconde nos confins dos ceus, e não se sabe em que insidias embala a fraude no sentimento em que perfidias se embusca o crime no coração.

Conhece-se a rizeza do diamante, admira-se-lhe o limpido brillantismo e ignora-se a rigidez da honra, desde-nham-se os seus impollutos melindres; desce-se pela cratera dos vulcões até sentir palpitar o interior do globo, e evita-se descer as espiraes lugubrememente profundas dos vicios para os transformar abrasados ao facho purificador da religião!

Mas, paremos aqui. Não é preciso mais, não é preciso tanto. Por mais fascinado que julguemos o optimista, por mais espessas que se tenham tornado as vendas que o escurentam, por magicos e phantasticos que sejam os clarões que o adormentam, ainda assim a evidencia impõe-se e elle é obrigado a reconhecer que a existencia moral do seculo em que vivemos está eivada de imperfeições e males que a vão corrompendo e ameaçam destruir o seu principio de vitalidade.

Pois bem, essas imperfeições que arruinam e esses males deploraveis que matam, devem ser combatidos heroicamente, denodadamente, para que o homem sacuda a lama que avilta a sua dignidade, fortifique a sensibilidade da sua consciencia debilitada, acabe com as lutas e inquietações que o devoram e dê á vida um destino verdadeiramente nobre e elevado.

Como se conseguirão porém tão brilhantes resultados? Como se sanará um mal que tem as suas raizes cravadas no coração da humanidade? Como se elevará á apothese, o seculo que tem caminhado sempre na esteira luminosa do progresso e retrocedido espantosamente na ladeira escorregadia da corrupção? Que espada cortará as algemas que o acorrentam ao seu poste de ignominia? Que sol afugentará as brumas que o anoitecem? Que antidoto enerverá o tonico que paralysa, definha e mata?

Esse sol que espanca trevas, esse antidoto que idealisa, será a educação da juventude.

Sim, a juventude norteada pela crença e sensibilizada pelo affecto, será a alavanca que firmada no ponto d'apoio dos seus ideaes sublimes, soerguerá o seculo da podridão em que germina; será o sangue em borbotões que rejuvenescerá o seculo que atravessamos envilecido pela crapula insaciavel; será o côro angelical entoando o hymno do triumpho; será finalmente o proprio seculo remodelado, será o proprio seculo que salva e vitalisa, porque a juventude d'hoje hade ser a sociedade d'amanhã.

.....
.....

J. MACHADO.

O AVARENTO

(Ao meu int'mo amigo e neo-presbytero rev.^{mo} José Dias Velloso)

A noite era frígida. O vento fustigava os rostos dos poucos transeuntes que ousavam sair á rua. O granizo açoitava as vidraças. O relampago abria fendas no firmamento, despedindo sinistros reflexos azulados que fascinavam os olhares.

Ao longe ribombava o trovão desencadeado e temeroso cujo ceho magestático se perdia nos quebrados da serra. O raio crepitava no espaço, descendo em terríveis espiraes, reduzindo a cinzas os robles seculares.

De espaço a espaço grossas cordas de chuva inundavam as ruas, engrossando desmesuradamente os regatos. Era temerosa uma noite assim.

Os pinheiraes distantes sacudidos por fortes rajadas de vento, juntavam o seu assobiar descomposto á voz magestosa da tempestade.

No rosto da gente que assistia ao serão, junto da lareira, desenhava-se o terror e a inquietação. Meu avô, venerando septuagenario, recitava em voz alta esse harmonioso psalmo do *Magnificat*—talismán miraculoso, epopea esplendíssima da humildade da Virgem de Nazareth.

De subito todos caem de joelhos, atemorizados pelo estronhear horrisono d'um trovão estridente.

Estavam todos ainda como que petrificados, fulminados, a voz embargada na garganta quando se ouviu distintamente o som do campanario dando signal d'incendio.

Correm á janella esforçando-se por lobrigar o local do sinistro. Era ao fundo da aldeia na granja do «Avarento», como chamavam ao proprietario pelo seu apêgo excessivo a essa gleba de differente côr appellidada—ouro—, não abrindo jamais a sua mão para depôr na do indigente um obulo, uma

misera moeda com que matasse a fome. Devorado até ás entranhas pela *auri sacra fames*, era visto de noite, assumir á janella inquieto, os olhos esbugalhados, a pupilla dilatada, procurando descobrir na sombra o imaginario ladrão que elle entreviu em sonhos para lhe arrebatár o thesouro, accumulado, mercê de mil baixezas, de mil sordidas especulações.

Entreolharam-se como consultando se deveriam acudir ou deixar que o incendio se alastrasse, punindo assim o miseravel que não conhecia senão o *Deus-ouro*.

Todavia o christianissimo sentimento da caridade predominou e correm todos e de todos os lados, anciosos, procurando por todos os meios ao seu alcance localisar o incendio que ia assumindo proporções assustadoras.

Lidam todos, lançando escadas ás janellas, jorrando agua em abundancia, entrando pela casa, affrontando as chammas que pareciam possuidas do sentimento da vingança, para salvar a gente da casa. Fogem os criados, gritam as crianças, pranteia-se a esposa afflictissima.

Está tudo perdido, excepto as vidas. Todos cruzam os braços em triste expectativa, vendo a inanidade de todos os esforços por titanicos, herculeos que fossem.

Em meio porém d'esta labyrinthica confusão ninguem reparára na falta do dono da casa. «Onde estará?» era o grito unanime dos espectadores d'este triste drama.

Um intrepido e corajoso mancebo, não lhe soffrendo o animo assistir de braços cruzados á morte do infeliz, que todos julgam ainda dentro do predio incendiado, vóa por entre as chammas que crepitavam, ameaçando tragal-o, até ao quarto de dormir do sordido avaro.

— Fuja Senhor, que está desgraçado. Mais um instante e já não será tempo. Porem o «Avarento» de olhares esgaçados, assustadores, a inquietação no rosto, as mãos crispadas, em convulsões de desespero, olhando avidamente para o seu thesouro, arrepelando os cabellos, rugindo blasphemias parecia collado ao soalho. O mancebo volta-se para fugir, bradando a plenos pulmões:

— Fuja que ainda é tempo. Mas nada. Depois

D'ahi a pouco restava apenas um montão de cinzas, um acervo de ruínas.

Ao revolver os escombros encontraram carbonizado o cadaver do «avarento» e em torno moedas de ouro denegridas pelo fogo.

Cerca da meia noite, meu avô e todos os nossos, voltavam a casa meditando n'aquelle triste drama.

Ao entrar em casa ninguém se atrevêra ainda a avançar uma palavra. Apenas meu avô, com aquelle olhar de compassiva bondade que se lhe espelhava no rosto já enrugado pelo sôpro algido dos annos, nos disse solemnemente:

— Sede economicos, mas não sejaes avaros, sêde ricos se poderdes, mas sêde amigos da pobreza, porque quem dá aos pobres empresta a Deus, confortae a miseria, animae os desgraçados. O que vive atrelado ao jugo sordido da avareza, acabará na impenitencia, adorou o seu thesouro, morrerá junto d'elle. *Talis vita, finis ita.*

Memoraveis palavras que ainda me soam ao ouvido.

Povoá de Varzim.

A. DIAS COSTA.

IMPRESSÕES

(D'UM DIARIO)

Tenho em frente de mim um quadro que representa a conhecida fabula do lobo e do cordeiro. Quando ás vezes o contemplo, sinto impetos de increpar este seculo dos inventos portentosos e das civilisações rutilas, por consentir que no seu seio todo luz appareçam as mesmas revoltantes perversidades que a inspiraram ao celebre fabulista grego. Não estaremos realmente

mais adiantados sob o ponto de vista moral do que esses povos que ficam lá ao longe nos confins da historia?!

1—1.º—93.

*

Como perguntassem a Diogenes qual era a melhor vingança que um homem podia tirar de seus inimigos, respondeu:—«é tornar-se hom e honesto.»

Se medito na sabia resposta do lendario philosopho, vejo-me obrigado a dizer intimamente, que no pensamento pagão havia por vezes mais luz, mais rectidão e mais justiça do que na mente deslumbradora d'alguns genios d'hoje. Era a voz immaculada do hom senso natural.

2—1.º—93.

*

Verdadeiramente o homem é uma entidade toda mysterio! No seu intimo trava-se constantemente uma lucha gigante entre o bem e o mal—essa lucha tragica de que pela humanidade alem tantos queixumes doridos se ouvem—. Se eu não me accingira aos ensinamentos da fé, que me apontam a culpa edenica como a genése d'esse cruel desequilibrio animico, diria que Deus quizera ter para com a sua obra prima esse capricho cruel que nos força tantas vezes a reproduzir aquellas palavras amargas de Ovidio. —*video meliora proboque deteriora sequor!*—

3—1.º—93.

*

Assisti hoje a uma festinha aldeã:—a festa do Menino-Deus. Simples e modesta como a pobreza, pareceu-me por vezes muito mais tocante e muito mais christã do que muitas outras em que a gente contempla deslumbrantes pompeações de luxo.

Ha desgraçadamente uma tendencia evidente para nas grandes festividades substituir, sobrepôr a arte á religião e a vacuidade d'um mundanismo pagão e theatral á unção e magestade sublime do grave culto catholico.

4—1.º—93.

*

O ensino é na verdade um apostolado que demanda sacrificios incontaveis. O professor, em frente d'um numerozo grupo de creanças de edades diversas e de aptidões diversissimas, ha-de ter uma paciencia tolerantissima, á prova dos dislates mais paradoxaes. Ha-de ter uma pericia tão atilada e discreta, que consigna despertar o amor ao estudo em cada uma d'aquellas intelli-

gencias em arrebol, sem as emmergencias esterilizadoras do tédio, que tantas vezes imprimem n'essas almas aureoreaes a dedada negra da imbecilidade!

5—1.º—93.

*

Li agora mesmo dois jornaes com praça assente sol a bandeira da Cruz, que me deixaram uma impressão de desanimo. Sendo ambos bravos campeões (theoricos) da União Catholica, enristam lanças para derimir em pleito publico velhas questões de ordem secundaria sobre as quaes parece pesar como um anathema a maldicão de Deus. Por mais que se discutam nunca se liquidam!

Será então verdade que os publicistas catholicos voltam á traça antiga?

N'este caso havemos de tolerar que as galerias que tal contemplam, lembrem, referindo-se á União Catholica, o hemistichio do vate latino: — *desinit in piscem* . . .

6—1.º—93.

*

Hoje uma senhora cuja *toilette* correcta, elegante mesmo, não deixava transparecer as rugas angulosas da miseria, pediu-me uma esmola. Os velhos habitos crescidos no regaço anreo da antiga opulencia são-lhe um novo supplicio e protestam cruamente contra a estamenha e o pão negro do pobre. Por isso causa-se sincera dôr a fome vestida de luxo!

7—1.º—93.

*

Que frio! Lá fóra o vento geme tristemente nas franças do arvoredado e a neve entraja de branco os montes e os valles.

A esta hora quanto lar sem uma achia que o aqueça! Quanto pobresinho tiritita sem amparo, no desvão d'uma portada, n'um banco d'uma praça, n'um canto de catre, sem um trapo de estamenha que o cubra, sem um pedaço de pão negro que o nutra! A civilisação tem avançado tanto e tão vertiginosamente. . . mas o pauperismo, a miseria, a desgraça, a dôr, o mal-estar não a desacompanham; formam-lhe um cortejo pungente, ironico, macabro.

8—1.º—93.

P.º Antonio Hermano.

JORNAL DO COLLEGIO DE S. DÁMASO

*

* *

Assembleia geral.—No dia 29 do corrente realisou-se a quinta sessão da Associação de S. Luiz. Occupava a presidencia o Rev. P.^o Antonio Hermano, substituto do presidente-nato, que se achava incommodado.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o presidente discorrendo ácerca das vantagens das associações, passou á ordem do dia:— a aquisição da imagem de S. Luiz, proclamação de novos socios, adiantamento espirital dos associados, bazar de prendas, etc.

E' em seguida concedida a palavra aos reverendos socios P.^o Luiz e P.^o Gomes, que fallaram ácerca das academias litterarias por occasião das sessões.

Falla depois o presidente, Augusto Vasconcellos, que enthusiasinou a assembleia com um bello discurso.

O reverendo P.^o Amandio apresentou uma proposta nomeando a commissão que ha-de tratar da alteração do artigo 4.^o dos Estatutos. A commissão compõe-se dos seguintes socios: P.^o Oliveira, Augusto Vasconcellos e Raul Guimarães. Apresenta uma interessante proposta o socio Aureliano. Ficou prejudicada.

Fallaram ainda os socios reverendo P.^o Gomes e Raul Guimarães tecendo rasgados elogios ao presidente. Por ultimo, o secretario leu a moção de louvor dedicada aos socios benemeritos.

O SOCIO F. B.

*

* *

Feriados do entrudo.—São feriados no Collegio de S. Dámaso, os dias 12, 13 e 14 de Fevereiro. Os alumnos de perto que obtiverem licença para ir passar a casa esses dias, podem sahir no sabbado de tarde e devem voltar na quarta-feira de manhã.

A DIRECÇÃO DO COLLEGIO.